

Foto: reprodução

Lançamento

A ANATOMIA, SEGUNDO VESALIUS

Evidências indicam que Leonardo da Vinci (1452-1519), o multifacetado gênio renascentista, começou a fazer investigações anatômicas simplesmente para aperfeiçoar sua representação pictórica do corpo humano. Afinal, a estética vigente ditava que o belo, na arte, se encontrava na representação direta dos fenômenos naturais. Planejou publicar um tratado de anatomia em colaboração com o anatomista Marcantonio della Torre (1481-1512). Do livro que não foi concluído e certamente teria inaugurado uma nova era nos estudos de anatomia e fisiologia, só se conhecem os esboços.

Essa “grande obra” teria de esperar por outra geração de entusiastas do “novo humanismo”. Coube a Andreas Vesalius (~1514-1564), de Bruxelas, possivelmente tão habilidoso no manejo do

bisturi quanto na promoção de sua própria imagem, publicá-la. *De Humani Corporis Fabrica* foi a primeira obra de anatomia em que a ilustração rivalizou com o texto em cuidado, importância, imponência. Observando a riqueza de detalhes que compõe suas gravuras, dificilmente se imagina que as chapas das quais se originam tenham sido talhadas em madeira (box). A Ateliê Editorial, a Editora da Unicamp e a Imprensa Oficial SP reuniram esforços para lançar no Brasil o livro que traz, além da obra-prima do autor, mais duas belas amostras de seu trabalho: a *Epitome* e as *Tabulae Sex*. Os autores J.B. De C.M. Saunders, da Universidade da Califórnia, e Charles D. O'Malley, da Universidade Stanford, traduziram e anotaram a obra a partir do original em latim. Além disso, realizaram uma pesquisa cuidadosa sobre a vida do médico, cirurgião e anatomista e contextualizaram seus trabalhos dentro da tradição médica da Renascença e da ilustração anatômica. Pedro Carlos Piantino Lemos e Maria Cristina Vilhena Carnevale, da Universidade de São Paulo, traduziram-na do inglês.

Trata-se realmente de uma obra-prima, na qual o autor deixou suas contribuições ao estudo e ao ensino da anatomia. Nessa época, primeira metade do século XIX, a disciplina era ensinada sobretudo por meio da leitura de textos. E a maioria dos textos anatômicos disponíveis eram derivados de escritos árabes tradicionais do período medieval: “obras de médicos muçulmanos e de seus comentaristas, ou de traduções dos autores clássicos, alterados inevitavelmente pela passagem do grego para o aramaico, do aramaico para o árabe e deste para o pouco conhecido latim.” O conhecimento erigido no passado era considerado superior, fazendo os estu-

diosos se debruçarem quase que exclusivamente sobre a palavra escrita. No entanto, partes importantes da obra de Galeno, a principal autoridade seguida pelos anatomistas, permanecia desconhecida para a maioria deles. Vesalius, autopromovendo-se um “restaurador”, aceitava as concepções galênicas, a cujo sistema anátomo-fisiológico nunca se opôs completamente: “ao contrário, tentou conciliar ou retificar as descrições anatômicas de Galeno onde quer que diferissem daquilo que se observava nas disseções.” A leitura de Galeno levou-o a redescobrir a importância que o “mestre” atribuía à prática da disseção na formação de anatomistas e médicos. E também as limitações de sua obra, das quais o próprio Galeno, que dissecou mais frequentemente animais do que cadáveres humanos, era consciente.

Como o livro, originalmente publicado em 1543, a edição comentada traduzida para o português transcende as costumeiras limitações de publicações de conteúdo técnico.

As *Tabulae Sex*, um conjunto de seis de-



Retrato de Vesalius

senhos, constituíram a primeira publicação anatômica de Vesalius, em 1538, e tiveram sucesso instantâneo. Três saíram do punho de Vesalius, três do artista flamengo Jan Stefan van Kalker. Buscam orientar a sangria (venissecção), para a qual o método proposto por Hipócrates e Galeno diferia do proposto pelos árabes, e expressar os princípios fisiológicos de Galeno.

Entre outras contribuições à posteridade, Vesalius, consciente da existência de diferenças raciais, procurou estabelecer um modelo para o formato do crânio, dando, segundo os comentadores, um “início tímido” à antropologia física. Uma das vertentes dessa ciência, a craniologia, no século XIX tentou forjar uma associação entre o quociente de inteligência e os crânios, colocando no topo o formato da raça branca.

Já as gravuras que exibem os músculos foram de grande utilidade para pintores e escultores. Nas ilustrações do sistema circulatório, por sua vez, aparecem apenas as artérias principais, enquanto o sistema venoso é minuciosamente descrito por servir ao principal recurso terapêutico da época, a sangria. No que concerne às vísceras, alguns equívocos cometidos podem ser atribuídos ao fato de resultarem da dissecação de animais, não de humanos. O coração, que apresenta um “aspecto globoso” e a disposição dos ramos da aorta indicam que algumas ilustrações foram feitas a partir de símios.

Vesalius também inovou ao realizar ele mesmo demonstrações de dissecação em cadáveres para ilustrar as lições dadas em aula. Notabilizou-se como cirurgião, o que certamente concorreu para que tenha se tornado o médico do imperador Carlos V, a quem dedicou o livro.

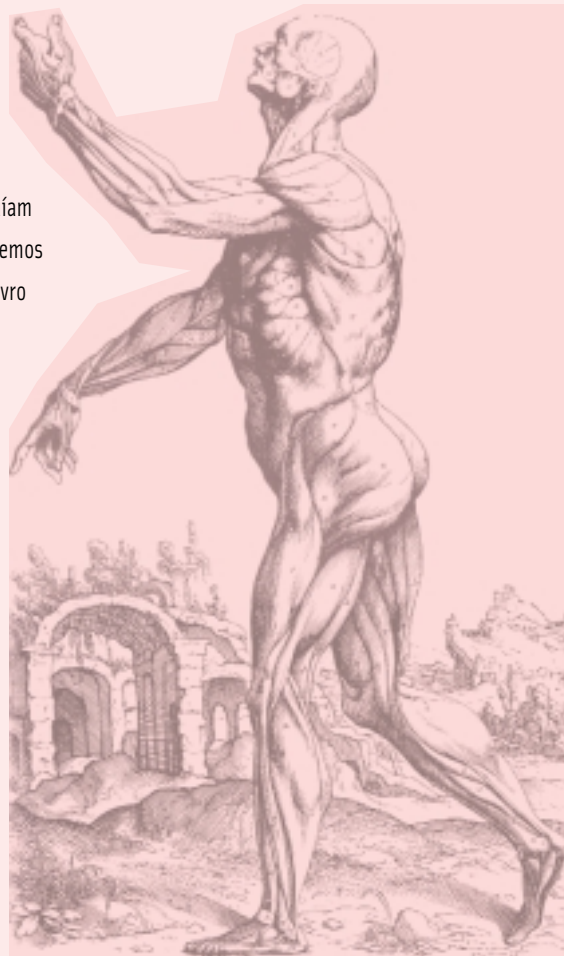
Flávia Natércia

A TÉCNICA DA GRAVURA

A gravura é a arte ancestral da reprodução em grande escala. Gravura é incisão, é talhar ou criar sulcos por meios químicos, na madeira, metal ou pedra. Produzindo imagens ou tipos, em alto ou baixo relevo, para multiplicação através de entintamento mecânico ou manual.

Em seu livro, Vesalius opta pela xilogravura, técnica de entalhe na madeira. Existem dois tipos de xilogravura: uma é a gravura de fio, onde a matriz utilizada é cortada no sentido do veio da madeira. Esta técnica não permite um detalhamento apurado, devido aos veios da madeira que obstruem o entalhe em certas direções. Já a gravura de topo permite uma riqueza maior nos detalhes, porque a matriz é cortada contra as fibras, ou seja, no topo do tronco. A madeira é mais dura e necessita de ferramentas mais especializadas e de traço mais fino, os buris. Em ambas as técnicas, a tinta é espalhada sobre a placa com um rolo, não penetrando nos sulcos que ficarão brancos na impressão. A xilogravura é conhecida como técnica de subtração, pois a matéria gravada com goivas ou buris formará a área branca da gravura. Na gravura em metal para entintar, coloca-se a tinta nos sulcos e os excessos são limpos com panos ou com a mão para posterior impressão.

Não fica explícito no livro o porquê da opção de Vesalius por esse tipo de gravura, já que a gravura em metal ofereceria um detalhamento mais sutil para sua obra de anatomia. Essas xilogravuras foram feitas utilizando a técnica de topo, mas mesmo assim é estranho a ausência de veios na impressão das chapas. Porém, elas podem ter sido impressas de acordo com a técnica das gravuras em metal, ou então eles possuíam alguma técnica distinta das que conhecemos hoje. Não foi à-toa que Vasari em seu livro *Vidas dos pintores* confundiu as xilogravuras com gravuras em metal feitas em placas de cobre: “foram os desenhos dos estudos anatômicos que o admirável Andreas Vesalius mandou gravar em cobre e publicou com seus trabalhos”. Essa confusão ocorre porque a xilogravura é uma técnica de subtração e seria quase impossível que o entalhador cavasse esses desenhos anatômicos deixando essas linhas tão finas em relevo.



Ingrid Lemos